

Da fugacidade de uma carreira na investigação: linhas de um debate a partir de reflexões com jovens investigadores em Ciências da Comunicação da SOPCOM

Página | 40

Fábio Ribeiro¹

fabiofonsecaribeiro@gmail.com

Resumo

A realidade da formação universitária em Portugal conheceu profundas alterações nos primeiros anos do século XXI, com a adaptação ao processo de Bolonha que exigiu remodelações de cursos e disciplinas, alargando o ensino a etapas outrora distantes, como o mestrado, doutoramento e pós-doutoramento. Paralelamente, a investigação científica encontrou novas dinâmicas, com o financiamento de projetos coletivos e políticas de formação avançada de recursos humanos, através de diversos concursos para atribuição de bolsas, num ritmo que hoje se debate com enormes dificuldades e retrocessos.

Estas dinâmicas incentivaram muitos jovens, que encontraram na ciência uma fonte de formação complementar e subsistência para um mercado de trabalho débil e com poucas oportunidades de aprendizagem. Inspirado por algumas destas movimentações, este texto propõe linhas para um debate sobre a realidade dos jovens investigadores em Portugal, mais concretamente na área das Ciências da Comunicação, conhecendo razões plausíveis para entrar no universo da investigação, dificuldades mais comuns, rotinas de publicação e deslocações a congressos, entre outros aspetos.

Palavras-chave: jovens investigadores; ciência; investimento; SOPCOM; Ciências da Comunicação.

Abstract

University education in Portugal had to face huge shifting in the beginning of the 21st Century as the institutions needed to adapt to the Bologna Declaration, thus changing courses and subjects, providing students new horizons into Masters, PhD and Post-Doc programmes, a very distant reality one decade ago. In this regard, research has been fostered through specific funding for collective projects and fellowships, although currently facing impressive pitfalls and declining.

This new framework has been a key factor for the widespread interest of many young graduates in science, seeking new paths for education and escaping from few job opportunities. Inspired by some of these scenarios, this text intends to offer some contribution for a wide debate towards the circumstances of young scholars in Portugal, especially in the field of Communication Sciences, hence questioning motivations to work as a researcher, main struggles, publication routines and attendance to scientific events, just to name a few.

Keywords: young scholars; science; public funding; SOPCOM; Communication Sciences.

¹ Investigador integrado do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho.

1. A reinvenção da educação e da ciência a partir do processo de Bolonha

A implementação definitiva do Processo de Bolonha decorreu entre 2007 e 2010, no entanto há registos de reuniões entre os ministros da Educação europeus que desde 1999 procuravam formar um espaço europeu comum de ensino superior, seguindo uma filosofia idêntica à união económica, financeira e monetária. A ideia base consistia na possibilidade de um estudante europeu cumprir a sua formação universitária em qualquer Estado membro, através de uma adequação de um diploma de estudos comum a todo este espaço que permitisse a fácil inscrição de qualquer aluno numa instituição europeia, contactando com diferentes realidades e múltiplas experiências de ensino.

Para além de uma homogeneização dos *curricula* académicos, outros objetivos presidiram à implementação deste processo, segundo a Direção Geral de Ensino Superior (DGES)²: "promoção da mobilidade intra e extra comunitária de estudantes, docentes e investigadores (...) e o fomento da cooperação europeia em matéria de garantia de qualidade". Como refere o documento, julgou-se igualmente ajustado potenciar condições para solidificar um espaço europeu de investigação, "de modo a fortalecer a capacidade investigadora da Europa, de forma a melhorar a qualidade e a atratividade do ensino superior europeu".

Ora, a criação de uma dinâmica europeia de investigação constituiu também um eixo importante deste remodelado processo universitário. Por isso, uma das formas de observar superficialmente a evolução da ciência passa porventura pela análise do investimento público na área, através da concessão de bolsas (mestrado, doutoramento e pós-doutoramento) e financiamento a projetos de investigação, por exemplo. Em Portugal, é a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) a entidade responsável pela gestão dos fundos atribuídos à ciência e investigação no país, um órgão que faz parte do Ministério da Educação e Ciência de Portugal. Observemos algumas destas dimensões, recorrendo a estatísticas divulgadas pela FCT³, a partir da Ilustração 1 em que se pode avaliar a distribuição da concessão de bolsas de mestrado:

² Acedido através de [www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Processo+de+Bolonha/], em 05/01/2015.

³ Acedido através de [www.fct.pt/estatisticas/bolsas], em 05/01/2015.

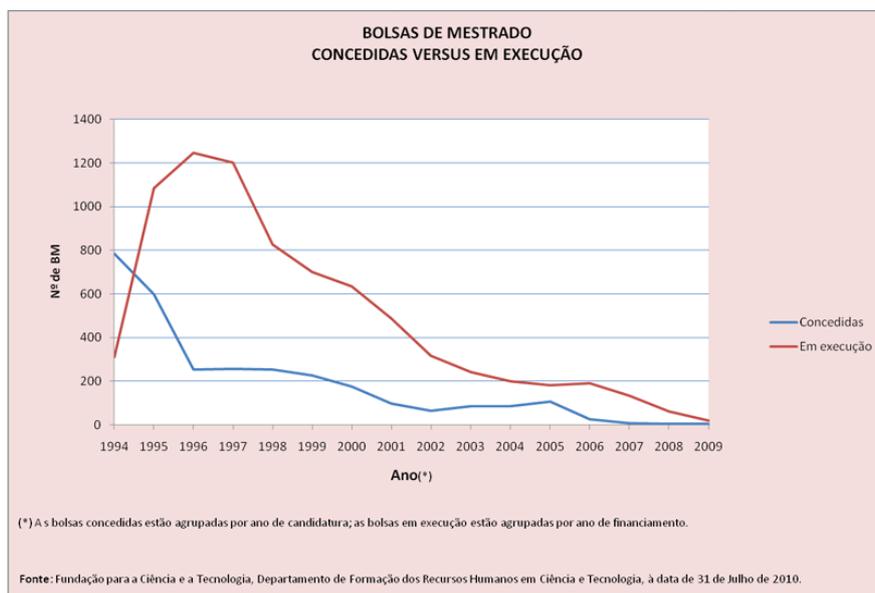


Ilustração 1 - Investimento em Bolsas de Mestrado entre 1994 e 2009.
Fonte: FCT - Departamento de Recursos Humanos.

Este tipo de bolsas já não existe na atual configuração da formação avançada de recursos humanos apoiada pela FCT. Em 1996 registou-se o ponto mais elevado, com mais 1200 bolsas em execução, entrando depois num período de declínio acentuado. Em termos das bolsas concedidas, a evolução mostra um cenário em permanente regressão desde 1994 até ao nível residual a partir de 2001 e extinção em 2007. Em sentido contrário, os concursos para atribuição de bolsas de doutoramento continuam a decorrer, mas, como se depreende da Ilustração 2, a regressão de projetos aprovados anualmente sugere alguma apreensão, com os dados de 2012 a indicarem que o nível de concessão de bolsas nunca baixou tanto desde 2005:

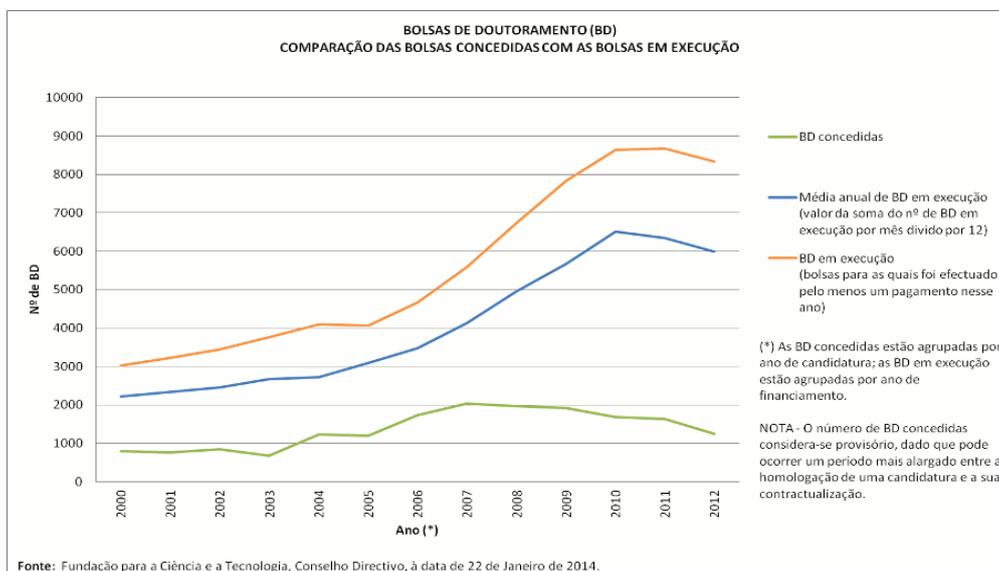


Ilustração 2 - Investimento em Bolsas de Doutoramento entre 2000 e 2012.

Fonte: FCT - Departamento de Recursos Humanos.

Continuando num registo de evolução negativa, as bolsas de pós-doutoramento registaram em 2006 o ponto mais expressivo na concessão destes projetos. Contudo, a Ilustração 3 identifica um igual desinvestimento num contexto de progressivo declínio, ligeiramente superior a 500 bolsas atribuídas anualmente:

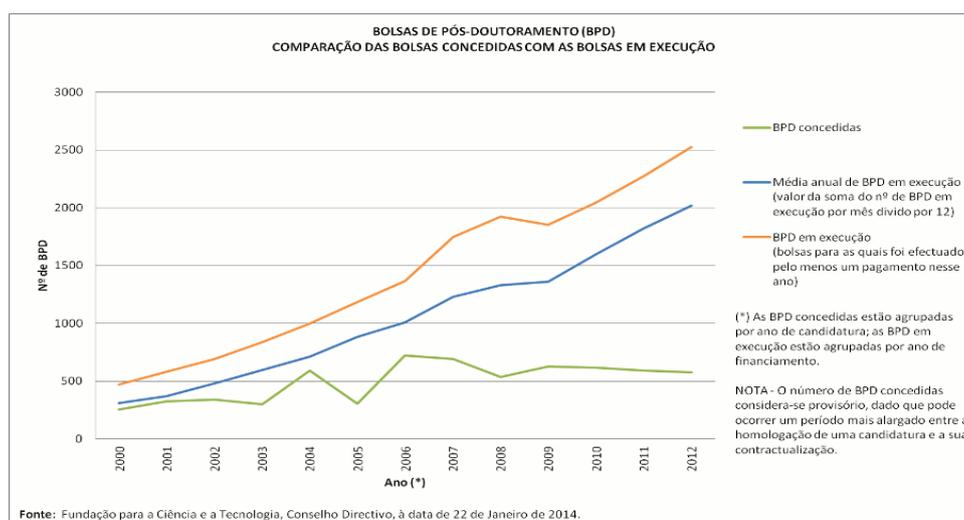


Ilustração 3 - Investimento em Bolsas de Pós-Doutoramento entre 2000 e 2012.

Fonte: FCT - Departamento de Recursos Humanos.

Até a este ponto, considerámos concursos de natureza individual, no entanto, uma das realidades mais comuns no universo da investigação consiste na dinamização

de lógicas coletivas de pesquisa. Como refere a Ilustração 4, o número total Projetos de I&D (Investigação e Desenvolvimento) concedidos ascenderam a pouco mais de quatro mil em 2013, concretizando uma recente subida, desde 2011, depois de dois anos de queda abrupta no número de projetos financiados. Desde 2000 que estes números representam uma interessante evolução positiva, constituindo, no âmbito das dimensões do investimento aqui analisada, o caso mais animador.



Ilustração 4 - Investimento em Projetos de Investigação e Desenvolvimento entre 2000 e 2013.
Fonte: FCT - Departamento de Recursos Humanos.

O apoio financeiro pela FCT à investigação não se esgota às possibilidades apresentadas. Os concursos pontuais para investigador FCT, o apoio à realização de eventos científicos através do FACC (Fundo de Apoio à Comunidade Científica) ou as candidaturas a infraestruturas científicas configuram algumas das possibilidades neste sentido. Ora, é a partir de muitas destas dinâmicas de investimento público na ciência que muitos jovens investigadores encontram espaço para desenvolverem práticas de investigação. Embora este texto não pretenda discutir detalhadamente as vicissitudes decorrentes da adoção dos procedimentos de Bolonha e os ritmos de investimento público na ciência, parece claro que a comunidade académica se encontra hoje mais consciente da importância de uma aposta na investigação, do ponto de vista pessoal e coletivo, como forma de formação, aprendizagem e, quase na transversalidade dos casos, para efeitos de progressão numa determinada carreira ou currículo. As condições

de execução dessas ambições ficam, porém, cada vez mais ameaçadas por desinvestimentos declarados na ciência, em vários níveis.

2. O ofício de 'investigar' e uma leitura a partir de jovens investigadores em Ciências da Comunicação

Ao assinalar, neste ano, o vigésimo aniversário do curso de Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação de Portalegre, não estamos muito distantes da introdução do primeiro curso de comunicação em Portugal, em 1979, numa época tardia tendo em conta o contexto europeu e que pode ser justificada pela negligência do Estado ditatorial em promover o ensino da comunicação a nível universitário, pelo menos até 1974 (Martins, M. & Oliveira, M. 2012). Hoje, a multiplicação dos cursos de comunicação por várias universidades e politécnicos instalou-se de forma generalizada pelo país.

Desde essa época à atualidade, a realidade da investigação e da academia estão necessariamente transfiguradas. A pressão para publicar e produzir indicadores científicos, como forma de progressão na carreira e/ou sobrevivência entre pares, levaram, entre outros fatores, a que os próprios investigadores questionassem esta realidade, sobretudo nos estudos da chamada 'sociologia do tempo' (Araújo, E. & Bento, S., 2007; Araújo, E., 2002). Em linha com esta preocupação, num texto publicado pela London School of Economics⁴, Jonathan Gray, diretor da instituição *Open Knowledge Foundation*, demonstrava as suas reservas sobre o que significa "investigar": "é o aumento no *stock* de conhecimento humano? Talvez possamos olhar para a etimologia da palavra (...) que traduz uma procura pela verdade, de melhores caminhos para compreendermos o mundo que nos rodeia". Gray desmonta um pouco um certo discurso ambicioso sobre o impacto da investigação no quotidiano: "se, ao final do dia, alguém nos perguntar como a nossa contribuição científica afetou o conhecimento humano, certamente pensamos que essa pessoa está a troçar de nós".

Como resultado de algumas das dinâmicas de financiamento apresentadas anteriormente, a formação universitária começou a exigir novos percursos, de

⁴ Acedido através de [www.blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2013/10/25/gray-recomposing-scholarship/], em 10/01/2015.

prolongamento de uma licenciatura, atraindo desde jovens, de 20-30 anos, a profissionais já estabelecidos profissionalmente. Perante os desafios inerentes a estes percursos na pós-graduação, começaram a surgir as primeiras movimentações para agrupar os investigadores em início de carreira, sobretudo a nível internacional. A Associação Europeia de Investigação em Comunicação e Educação (ECREA) tem, desde 2008, uma secção especialmente vocacionada para os jovens - a YECREA⁵ - que conta com representantes europeus em vários domínios científicos. No mesmo ano, reunia-se um encontro de jovens investigadores no congresso da IAMCR (International Association for Media and Communication Research), denominado 'Emergent Scholars Network'⁶.

Em Portugal, a Associação de Ciências da Comunicação (SOPCOM) acolheu a ideia de integrar um grupo de jovens investigadores em 2011, após uma reunião fundadora, a 7 de janeiro daquele ano, que juntou mais de 50 investigadores de todos os pontos do país em Braga. Neste encontro, lançaram-se as bases daquela que é ainda a atividade deste GT (Grupo de Trabalho). Assim, o GT Jovens Investigadores procura congrega os investigadores mais novos, ou em início de carreira, que desenvolvem o seu trabalho nas mais diversas áreas das Ciências da Comunicação, dentro e fora do país, com ou sem bolsa, de mestrado, de doutoramento, de pós-doutoramento e/ou em projetos de investigação financiados. Tal como consta do *site* do GT⁷, os objetivos passam por "promover o contacto com as outras estruturas da associação, no sentido de criar laços efetivos entre investigadores de várias gerações" e "refletir acerca de possibilidades de continuidade de investigação, divulgação de trabalho realizado e debate de possibilidades de integração no mercado de trabalho", sublinhando a importância deste grupo para a qualidade dos resultados dos projetos de investigação.

Nos últimos anos, o GT tem vindo a desenvolver um conjunto de iniciativas assentes em três pilares: encontros bianuais, que decorrem durante os congressos da SOPCOM, de reflexão sobre as atividades do grupo e enquadramento de novos projetos;

⁵ Acedido através de [www.yecrea.eu/node/15], em 11/01/2015.

⁶ Acedido através de [www.iamcr.org/s-wg/section/emerging-scholars-network-section/home], em 11/01/2015

⁷ O site: www.gtjovensinvestigadores.wordpress.com. Para contactos, o email é: gtjovensinvestigadores@gmail.com. O grupo tem também uma página no Facebook: www.facebook.com/gtjovensinvestigadores

lançamento de um número anual da revista científica do grupo, a *Revista Comunicando*⁸, que vai já para a sua quarta edição; e a formação dos jovens investigadores, com a realização de duas Escolas de Verão (2012 - Lisboa; 2013 - Braga). Entre 2014 e 2015⁹, a coordenação do GT decidiu implementar uma Formação Anual que decorre ao longo de todo o ano letivo com sessões de formação em universidades como Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Covilhã e Porto.

2.1 Reflexões a partir do *modus vivendi* dos jovens investigadores

Para completar algumas das questões anteriores, considerou-se oportuno compreender o balanço que os jovens investigadores fazem sobre a atividade da investigação. Deste modo, recorreu-se a uma amostra de contactos e membros do GT Jovens Investigadores, da SOPCOM, que representam, pelo seu trajeto académico, a assunção de um caminho inicial na investigação científica, na generalidade da área das Ciências da Comunicação. Utilizando a plataforma do LASICS (Laboratório de Sistemas de Informação para a Investigação em Ciências Sociais), do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, e do programa de implementação de questionários *online* Limesurvey, reuniu-se, entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015, um conjunto de 31 respostas que analisaram aspetos como:

1. Situação atual perante a investigação: manutenção ou interrupção da atividade;
2. Frequência anual de deslocação a congressos e outros eventos científicos;
3. Impacto desses eventos na formação;
4. Valorização da publicação em revistas científicas;
5. Relação com orientador ou coordenador científico;
6. Desenvolvimento da investigação fora do país;
7. Motivações e dificuldades do percurso de investigação.

Numa amostra caracterizada por 23 mulheres e oito homens, a média de idades fixou-se nos 34 anos, variando entre os 22 e os 52 anos. No entanto, a questão definidora de todo o inquérito assentava na atividade recente dos inquiridos, isto é, se

⁸ O site da revista: www.revistacomunicando.sopcom.pt/

⁹ A ligação para a Formação Anual do GT: www.gtjovensinvestigadores.wordpress.com/proximos-eventos/

continuam a desenvolver alguma atividade relacionada com o universo da investigação. Com efeito, dos 31 indivíduos, apenas dois não se encontram ligados à investigação académica, na data a que reporta a recolha de dados.

Neste sentido, as duas pessoas confirmaram que tiveram um apoio de uma bolsa específica (FCT, CAPES, outra). A última etapa em que participaram foi num doutoramento, num caso e, no outro, num projeto de investigação financiado. A frequência de assistência a eventos científicos ficou-se 'entre uma a quatro vezes por ano', nos dois casos, pelo que estes inquiridos concordam também na valorização positiva desses espaços, referindo ambos que tiveram 'alguma importância' para a formação e atividade de investigação. Quanto às publicações científicas, os dois indivíduos seguem leituras idênticas, na medida em que o aconselhamento dos responsáveis científicos apontava que seria "extremamente importante" e "importante" apresentar o trabalho neste contexto académico. Do ponto da relação profissional com os orientadores ou responsáveis superiores, as respostas foram, porém, distintas: "muito boa relação" e "má". Nenhum destes dois inquiridos desenvolveu parte do percurso de investigação fora do país. Sobre as possíveis motivações para apostar numa experiência na investigação, ambos sublinharam o "interesse por investigar na área da Comunicação", além de também terem concordado que o fator menos positivo residia na "pouca estruturação legal" do estatuto de investigador em Portugal.

Numa perspetiva mais alargada, a quase totalidade dos inquiridos encontrava-se ligada ao universo da investigação académica, à data da administração deste questionário. Os 29 inquiridos referiram que o exercício dessa atividade estava, em 19 desses casos, enquadrada num apoio específico (bolsa FCT, CAPES, etc.), uma situação inversa aos restantes dez. A situação atual destes inquiridos encontra-se descrita na Tabela 1:

Situação atual	Frequência
Mestrado	1
Doutoramento	20
Pós-Doutoramento	5

Projeto de investigação financiado	1
Gestão de centros de investigação	1
Outro	1
Total	29

Tabela 1 - Situação atual dos inquiridos, quanto à atividade de investigação onde estão inseridos.

É no doutoramento que praticamente se concentra a quase totalidade dos inquiridos que ainda se mantém em funções na investigação: 20 em 29 do total. Registámos cinco pós-doutorandos e os restantes distribuem-se por mestrado, projeto de investigação financiado, gestão de centros de investigação e 'outro', com um registo cada. Relativamente à presença em congressos, seminários e outros eventos de carácter científico, esta amostra de inquiridos revela uma presença regular nestes eventos: 23 inquiridos marcam presença nestes espaços 'entre 1-4 vezes por ano', conforme explica a Tabela 2:

Participação em eventos científicos	Frequência
Não sei	1
Nunca vou	0
Entre 1 a 4 vezes por ano	23
5 vezes por ano	2
Entre 6-9 vezes por ano	2
Mais do que 9 vezes por ano	1
Total	29

Tabela 2 - Participação em eventos científicos por inquiridos que ainda se mantém em atividade na investigação.

Esta presença regular em encontros científicos justifica-se também pela valorização positiva que os inquiridos atribuem a estes espaços. Para 12 são atividades 'bastante importantes' para a formação ou atividade de investigação, já para oito têm 'alguma importância' e seis assinalaram que estes eventos são 'extremamente importantes'. Uma opinião generalizada que não foi partilhada por dois participantes no

questionário, que afirmaram que estes encontros têm 'pouca importância' e um dos inquiridos não respondeu.

Sobre o incentivo à publicação, por parte do responsável ou orientador científico, registámos praticamente uma unanimidade, isto é, 14 inquiridos referiram que "é extremamente importante publicar", o mesmo número que referiu apenas ser "importante"¹⁰.

Colocando a questão da relação profissional, os dados que constam da seguinte Tabela 3 sublinham terrenos de uma sociabilidade positiva:

Relação profissional com supervisor científico	Frequência
Melhor seria impossível	7
Muito boa relação	11
Boa relação	8
Nem boa, nem má relação	3
Má relação	0
Muito má relação	0
Não sei	0
Não responde	0
Total	29

Tabela 3 - Relação profissional com o supervisor científico.

Os dados sugerem que a relação é positiva na maioria dos casos, variando apenas o grau: 11 classificam de "muito boa"; sete referem que "melhor seria impossível"; oito afirmaram que é "boa". Num nível indiferente, três inquiridos referiram que a relação não é "nem boa, nem má".

Em relação à possibilidade de articular o plano de trabalhos com missões de investigação no estrangeiro, onze inquiridos referiram que estão fora do país, nove ponderam fazê-lo, o mesmo número de inquiridos que não pretende estudar fora.

¹⁰ Um dos participantes referiu a opção 'outro', explicando que este tema ainda não tinha sido discutido com o responsável até àquela data.

Fatores individuais	Frequência
Gosto pelo estudo e investigação em comunicação	9
Necessidade de aprofundar os meus conhecimentos	7
Construir uma carreira académica (docente ou investigador)	3
Contribuir para áreas académicas com pouca visibilidade	3
Por vocação	2
Aplicar conhecimentos académicos na realidade empresarial	1
Continuar o meu percurso académico	1
Desilusão com o mundo laboral do jornalismo	1
Diversificar a minha experiência profissional	1
Aprender a incentivar os estudantes para a investigação	1
Total	29

Fatores externos	Frequência
Efeitos de progressão na carreira de docente	4
Encontrar uma saída profissional	4
Apostar na relevância social da investigação	1
Conhecer uma realidade diferente do mercado de trabalho	1
Total	10

Tabela 4 – Fatores motivacionais individuais e externos para entrar na investigação.

Em traços gerais, os inquiridos elaboraram um conjunto de 29 comentários, registados em 39 ocasiões distintas. As motivações de índole pessoal ainda dominam neste contexto (29) perante os estímulos exteriores motivacionais (10). O gosto pela investigação em comunicação e a necessidade de aprofundar conhecimentos juntam-se às pressões de progressão na carreira de docente, sobretudo na adoção de políticas por parte das universidades e politécnicos de contar com um grupo de docentes que tenha concluído um doutoramento.

Em relação aos aspetos menos positivos associados à atividade de investigação, utilizou-se uma análise idêntica à anterior. A Ilustração 6 ensaia, por conseguinte, uma abordagem:



Ilustração 6 - Nuvem de palavras que reflete as dificuldades dos inquiridos no contexto da sua atividade de investigação. **Fonte:** Wordle.com.

O destaque assumido pelos vocábulos 'trabalho', 'financiamento', 'mercado', 'solidão', 'incerteza', 'precariedade' sugerem possíveis interpretações que só a Tabela 6 pode ajudar a explicar com outro detalhe, ao longo de 25 comentários registados:

Fatores individuais	Frequência
A investigação é um processo solitário	7
Conciliar a investigação com outra atividade profissional	4
Gestão do tempo dedicado à investigação	3
Desgaste emocional	2
Dificuldade em publicar nas revistas científicas	1
Total	17

Fatores externos	Frequência
Poucas oportunidades de emprego científico	7
Falta de financiamento para idas a congressos	6

Precariedade do estatuto do bolsheiro	3
Valor reduzido das bolsas	3
Reduzida ligação da universidade ao mercado de trabalho	3
Pouca sensibilidade social sobre o que significa a investigação	1
Reduzida oferta de publicações científicas	1
As iniciativas científicas dependem sempre dos mesmos rostos	1
Imponderáveis do trabalho científico	1
Excessiva pressão para publicar	1
Exigência de muitas horas dedicadas ao estudo	1
Burocracia exigida pelas entidades financiadoras	1
Silêncio do poder político perante a atividade científica dos bolsheiros	1
Pouca integração dos bolsheiros nos centros de investigação	1
Deficiente apoio à dinamização de projetos de investigação em grupo	1
Investigações com pouco impacto social	1
Pouca transparência na definição dos critérios de publicação	1
Falta de espaços físicos comuns de trabalho entre investigadores	1
Pouca disponibilidade dos orientadores para acompanhar o trabalho	1
Total	36

Tabela 5 - Fatores motivacionais individuais e externos para entrar na investigação.

Uma primeira leitura indica-nos que, ao contrário do sucedido anteriormente, as dificuldades assumidas pelos inquiridos reportam preferencialmente a questões externas e circunstanciais (36) mais do que a dimensões pessoais e individuais (17). Assim, a constatação de um percurso de investigação que gera um sentimento de solidão, com sete comentários, e a dificuldade em conciliar a investigação com outra atividade profissional, com quatro, surgem como as questões mais difíceis de gerir individualmente neste processo. A gestão do tempo, o desgaste emocional e a dificuldade em transpor o trabalho para publicações científicas constituem outros aspetos importantes neste contexto.

Do ponto de vista externo, os inquiridos sublinharam as poucas oportunidades de emprego científico que se vislumbram no futuro dos investigadores (7 registos) e a falta de financiamento para participação em congressos ou dinamização de projetos conjuntos de investigação (6). No fundo, representam uma ansiedade relativamente ao futuro e a uma situação presente. O estatuto do bolseiro, que sofre por evidentes sinais de precariedade por não ser uma profissão reconhecida com os mesmos direitos laborais dos restantes trabalhadores do setor público, foi também assinalado, bem como a suposta reduzida ligação entre as empresas e a universidade

3. O que resta ainda fazer?

A realidade dos números, profundamente contaminada pela circunstância económica frágil do país, refém de políticas agressivas redução do investimento na ciência, sugere um caminho cada vez mais tortuoso para os investigadores que pretendem continuar a trabalhar nesta área. A precariedade do estatuto de bolseiro, com pouca proteção laboral, contradiz a importância destes agentes na evolução dos centros de investigação, dos projetos com ligações a estruturas europeias (COST, Marie Curie, etc.) e sistematicamente resvalam na passividade política de dotar o país de um sistema legal que reconheça o bolseiro como elemento de pleno direito laboral.

Se esta questão de ordem estrutural permanece ainda longe de resolver, será provavelmente mais simples desconstruir algumas das dificuldades que já foram referidas anteriormente, apostando numa lógica de compromisso numa escala reduzida para solucionar pequenos problemas do quotidiano. Embora as tensões de mercado apontem no sentido da publicação massiva, a investigação convoca muitas outras dimensões da sociabilidade e aprendizagem. É cada vez mais importante encontrar na interação, partilha, no debate e no confronto de ideias um espaço contraditório do isolamento e sentimento solitário que este caminho sugere, por depender essencialmente de um esforço pessoal avultado, emocionalmente. Pelo menos é esse o apelo que fica de um texto de Katie Burke, na publicação bimensal *American Scientist*¹¹,

¹¹ Acedido através de [<http://www.americanscientist.org/blog/pub/8-myths-about-public-understanding-of-science>], em 15/02/2015.

apelando os investigadores para se superiorizarem a certos mitos estabelecidos socialmente sobre o trabalho científico. Promover ações concretas de contacto com os públicos visados pelos inúmeros estudos desenvolvidos pelos investigadores e desenvolver esforços, a nível pessoal, para treinar a comunicação da própria ciência, como importantes extensões da atividade científica que valorizem o trabalho académico.

Referências bibliográficas

Araújo, Emília; Bento, Sofia. 2007. *Como realizar um Doutoramento: desafios às universidades e organização do tempo*. ed. 1. Porto: Ecopy. Organização do volume.

Araújo, Emília. 2002. "O doutoramento como f(r)ase: contributos para a compreensão das representações do tempo", *Qualit@s*, 1: 1 - 17.

Martins, Moisés de Lemos & Oliveira, Madalena (2012) Pós-graduação em Comunicação em Portugal: da variedade da oferta educativa à carência de *um sistema de avaliação*, in Kunsch, Margarida & Melo, José Marques de (orgs.) *Comunicação Ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação*. São Paulo: CONFIBERCOM / Escola de Comunicação e Artes de São Paulo / SOCICOM – Federação Brasileira de Associações Científicas e Acadêmicas, pp.279-303.

www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Processo+de+Bolonha/

www.fct.pt/estatisticas/bolsas

www.blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2013/10/25/gray-recomposing-scholarship/

www.yecrea.eu/node/15

<http://www.americanscientist.org/blog/pub/8-myths-about-public-understanding-of-science>